



# COLÓQUIO

## Letras

número 178 Setembro/Dezembro 2011

# SIGLO DE ORO

Relações hispano-portuguesas  
no século XVII

Suplemento de

COLÓQUIO  
Letras

Lisboa, Setembro de 2011

SIGLO

DE

Relações hispano-portuguesas  
no século XVII

ORO



FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN



## ÍNDICE

- 5 Nota de apresentação  
*Nuno Júdice*
- 7 D. Sebastián, Alcazarquivir, la unión de las Coronas y el conflicto internacional en las crónicas y relaciones de sucesos de la España de los siglos XVI y XVII  
*Jesús M. Usunáriz*
- 26 O fantasma de Inês de Castro entre a lenda e a literatura  
*Patrizia Botta*
- 37 Leituras de Camões no tempo dos Filipes  
*Isabel Almeida*
- 48 La península imaginaria: los libros de caballerías y las relaciones entre Castilla y Portugal  
*Luis Galván*
- 58 Imagen de los portugueses en un periodista del Siglo de Oro, Jerónimo de Barrionuevo  
*Ignacio Arellano*
- 67 Amor y poder en «Lo que es privar», comedia del alférez lisboeta Jacinto Cordeiro  
*Mariela Insúa*
- 77 «Cartel de desafío e protestación cavalleresca de Don Quixote de la Mancha, Cavallero de la Triste Figura, en defensión de sus castellanos»  
*Alexia Dotras Bravo e Aurelio Vargas Díaz-Toledo*
- 87 «El hidalgo de la Mancha», comédia de três dramaturgos: Juan de Matos Fragoso, Juan Bautista Diamante e Juan Vélez de Guevara  
*Carlos Mata Induráin*
- 99 Portugal, lo portugués y el portugués en el teatro de Tirso de Molina  
*Blanca Oteiza*
- 109 San Gil de Portugal en el ciclo dramático de Lope y Tirso  
*Juan Manuel Escudero Baztán*
- 118 S. Francisco Xavier na parenética portuguesa do século XVII  
*Cristina Osswald*
- 128 Sob o signo de Mercúrio: jornada de Roma  
*Sara Augusto*
- 139 D. Maria Guadalupe de Lencastre (1630-1715): a cultura literária e artística de uma duquesa luso-espanhola da época da Restauração  
*Luis de Moura Sobral*

# «El hidalgo de la Mancha», comédia de três dramaturgos: Juan de Matos Fragoso, Juan Bautista Diamante e Juan Vélez de Guevara

CARLOS MATA INDURÁIN

COMO É BEM SABIDO, *D. Quixote de la Mancha* foi levado à cena em numerosas ocasiões — desde datas muito próximas da publicação da obra cervantina até aos nossos dias — quase sempre como *figura*, ou seja, como personagem ridícula. O protagonista de *El hidalgo de la Mancha*, comédia escrita conjuntamente por três dramaturgos, Juan de Matos Fragoso, Juan Bautista Diamante e Juan Vélez de Guevara, constitui uma versão paródica da imortal personagem cervantina. O texto manuscrito da festa completa (baile, comédia, entremez e fim de festa) conserva-se na Österreichische Nationalbibliothek (Biblioteca Nacional da Áustria, Viena, Cod. Vindob 13.187, folhas 12-87v), devendo-se a edição moderna a Manuel García Martín (Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, 1982<sup>1</sup>).

García Martín salientou, no seu estudo preliminar, que a personagem de D. Quixote reunia em si uma «evidente significación burlesca» e «fructíferos valores dramáticos» (p. 1). A obra teatral dos três dramaturgos apresenta um carácter testemunhal da interpretação que os seus contemporâneos fizeram de D. Quixote, vendo nele uma *figura* ridícula, uma personagem eminentemente risível, «provocando o riso». No que se refere à data e ao lugar de representação, é quase certo que a comédia de *El hidalgo de la Mancha* tenha sido representada na terça-feira de Carnaval de 1673 no Teatro de Alcázar de Madrid, pela companhia de Antonio de Escamilla.

García Martín resumiu o argumento da obra com estas palavras:

A comédia põe em cena o conflito amoroso de dois pares de nobres, D. Beatriz e D. Juan por um lado, e D. Margarita e D. Enrique por outro, introduzindo alguns problemas correntes de ciúmes, disputas, equívocos, reconciliações, duelos, desdêns, queixas, etc., antes de chegar ao desenlace feliz da união matrimonial, antecipada já desde o início. Esta acção central não é mais do que um pretexto dos autores para nos oferecerem a sua interpretação de D. Quixote e Sancho, cuja intervenção no

conflito é quase constante, e que são sempre observados numa perspectiva cómica e burlesca. Para esta visão dos personagens cervantinos, os comediógrafos (ao contrário de Guillén de Castro, que na sua versão recorre unicamente à primeira parte do Quixote) valem-se desordenadamente das duas partes d[o] romance, do que resulta um conglomerado caótico de aventuras que não se submetem seja de que maneira for ao fio temporal imposto por Cervantes.<sup>2</sup>

Portanto, de um ponto de vista funcional, D. Quixote intervém como mediador em diferentes momentos do desenvolvimento do conflito amoroso estabelecido entre os dois casais, e é evocado com as características e as constantes do género de cavalaria: valentia, destreza no uso das armas, sofrimento, constância, motivações justiceiras, loucura e fidelidade a Dulcinea: não é o desapaixonado cavaleiro de Avellaneda nem o facilmente enamorado de Guillén de Castro. No que se refere a Sancho Pança, evidentemente, trata-se da antítese do fidalgo manchego; as características que o definem são: realismo e simplicidade, cobardia e falta de ânimo, materialismo e deformação da linguagem (prevaricações idiomáticas e inclinação para os refrãos).

O meu trabalho vai centrar-se fundamentalmente em dois aspectos: por um lado, falarei da relação entre a comédia burlesca e o Carnaval (a acção de *El hidalgo de la Mancha*, ponto sobre o qual se insiste várias vezes, decorre durante um Carnaval, o que convida a pensar que a obra foi também representada nesse período do ano). Por outro lado, deter-me-ei na caracterização de D. Quixote, examinando a relação entre loucura, farsa e diversão, conceitos fundamentais para a interpretação desta obra. Deixar-se-á ficar para outra oportunidade o estudo da relação de *El hidalgo de la Mancha* com o seu modelo sério, tentando elucidar em profundidade a função e a estrutura das passagens extraídas da obra cervantina; e também a análise da comicidade da obra, enquadrando os procedimentos cómicos utilizados (comicidade de situação e cénica, comicidade verbal, paródia de temas e situações...) no contexto da literatura jocosa e, mais concretamente, no contexto das comédias burlescas do *Siglo de Oro*, género ao qual esta comédia poderia ser assimilada.

## 1. O CARNAVAL E A COMÉDIA BURLESCA

A comédia burlesca do *Siglo de Oro* é um género essencialmente carnavalesco. Com efeito, estas obras (que, de acordo com os poucos dados que temos sobre as suas representações, correspondem aos anos do reinado de Filipe IV<sup>3</sup>) costumavam ser representadas no Palácio Real<sup>4</sup> pelo Entrudo, fazendo parte das festas cortesãs do Carnaval<sup>5</sup>, ou por alturas do São João. O rei e os seus cortesãos eram os espectadores, e não passavam ao curral. As peças teatrais deste género obedecem, em larga medida, à técnica carnavalesca do «mundo às avessas». O momento de Carnaval confere-lhes essa dimensão ambígua de

crítica autorizada dentro de limites bem definidos e, muitas vezes, bastante convencionais.

Pois bem, no *El hidalgo de la Mancha* as personagens lembram constantemente que é Carnaval, dado que leva a crer que a comédia teria sido representada nessa época do ano<sup>6</sup>. Diz Inés: «Y yo tendré con entrambas / alegres Carnestolendas» (vv. 258-259; referindo-se à sua ama D. Beatriz e à sua amiga D. Margarita, que está de visita), ao que D. Pedro responde:

Don Pedro            Y han de ser regocijadas,  
                              porque ha llegado al Toboso  
                              un hidalgo de la Mancha  
                              a quien llaman don Quijote,  
                              que la plebe alborotada  
                              tiene con sus aventuras  
                              y da en decir que es su dama  
                              Dulcinea del Toboso,  
                              una princesa encantada;  
                              y te aseguro, Beatriz,  
                              que es rara la extravagancia  
                              de su locura en el modo  
                              de lenguaje, adorno y cara.  
                              (I, vv. 260-272)

Referindo-se a D. Quixote, Sansão comenta com Inês: «No es de perder esta fiesta; / yo pienso hacerle mil burlas / ya que son Carnestolendas» (I, vv. 736-738) e D. Juan, em I, vv. 954-958, diz: «... don Pedro / dio en tener conversación / y admitir nobles sujetos / aquestas Carnestolendas / para diversión del tiempo».

O Carnaval é também mencionado em III, vv. 305-309, pelo mesmo D. Juan: «Ya sabéis que han de venir / a tomar por diversión / de aquestas Carnestolendas / este sitio Margarita / y Beatriz». Inês explica que quer brincar com a loucura de D. Quixote: «Con lo que trazado / para holgarnos esta tarde / tenía entre aquellos ramos, / ya que son Carnestolendas / a uso de Madrid» (III, vv. 533-537); e mais adiante (III, vv. 722-726) diz D. Enrique: «Como estas Carnestolendas / las visitas no embarazan, / pues más divierten que enojan / cuando son tan cortesanias, / yo venía...». E no diálogo entre D. Pedro e D. Enrique também se diz indirectamente que é Carnaval.

Don Pedro            Según eso,  
                              aquestos días que son  
                              de holgura y divertimento

podéis frecuentar mi casa,  
que allí nos entretendremos  
con domésticos festines  
unos hidalgos discretos,  
y hay famosísimos ratos  
de gusto y entretenimiento.

(I, vv. 914-922)

Por último, temos outras alusões a essa celebração festiva: a menção de um «perro con vejiga» (I, v. 553); Sansão Carrasco e outros três criados vestidos de magarefes, depois de mantear Sancho, batem-lhe com grandes bexigas (II, indicação de cena que se segue ao v. 430; e Sancho recordará as bexigas em II, v. 791); e uma alusão a foguetes (III, indicação de cena após o v. 144<sup>7</sup>).

## 2. D. QUIXOTE: LOUCURA, ZOMBARIA E DIVERSÃO

Analisarei, nesta rubrica, duas questões: por um lado, a caracterização de D. Quixote como um louco risível, objecto de zombarias (*burlas*) carnavalescas<sup>8</sup> por parte dos restantes personagens; por outro, quem são os agentes dessas *burlas*.

### 2.1. CARACTERIZAÇÃO DE D. QUIXOTE

Examinemos os traços essenciais na caracterização de D. Quixote. O primeiro é o seu desejo de partir em busca de aventuras cuja execução está reservada ao seu braço («a un lado, / que a mi valerosa diestra / guarda el cielo esta aventura», I, vv. 607-609; quando os seis cavalos da carruagem se desenfream, detendo D. Pedro, Quixote exclama: «Nadie / de aqueste puesto se mueva, / que estas aventuras son / de quien nació para ellas», I, vv. 729-732; «porque yo / me voy con vuestra licencia / a buscar mis aventuras», I, vv. 785-787; «Alguna grande aventura / me aguarda», I, vv. 987-988; «yo creo / que una famosa aventura, / adonde todo mi esfuerzo / será muy bien menester, / se nos viene disponiendo», II, vv. 62-66; «De aventura / somos, no hay sino buen pecho», II, vv. 255-256; «Señora, ante vos postrado, / mi sujeción os demanda / licencia para partir / a esta aventura», II, vv. 913-916; «Pues las manos en la masa / tengo ya de la aventura», II, vv. 932-933; «Para mí es esta aventura», III, v. 566, etc.). Entretanto, Sancho sabe muito bem onde costumam parar: «Quiera Dios que no nos muelan / como en otras aventuras» (I, vv. 578-579).

Quando a sua fantasia cavaleiresca chocar com a dura realidade, desculpar-se-á com a perseguição de magos e encantadores — em especial, o seu inimigo Malambruno —, que querem ofuscar o brilho das suas façanhas («Malambruno, mi enemigo / el encantador, intenta / borrar por este camino



/ mis nunca vistas proezas», I, vv. 333-336; «Estos mágicos me truecan / desta suerte las hazañas / para que no lo parezcan», III, vv. 230-232; ver também I, vv. 385-386 e 561-564; II, vv. 180-191; III, vv. 602-604 e 632-636).

Outro traço destacado na peça teatral é a fidelidade à sua dama, Dulcineia, a cuja fé nunca faltará (ver, por exemplo, I, vv. 358-366 e 691-695).

Os episódios do romance cervantino que nesta peça alcançam maior desenvolvimento dramático são: na Jornada I, o episódio da carta enviada a Dulcineia, que Sancho diz ter visto como simples cavadora (*labradora*, vv. 434-486), a conquista do Elmo de Mambrino, na realidade uma bacia de barbeiro (vv. 500-576) e, sobretudo, a libertação dos galeotes (vv. 995-1206); na Jornada II, o eixo central é constituído pelo desencantamento de Dulcineia através dos 3300 açoites que Sancho infligirá a si próprio (vv. 257-326), a partida pregada a D. Quixote, que ficará pendurado de uma janela (vv. 355-402, assim continuando até ao momento, no v. 474, em que Sansão Carrasco o faz descer); e ainda o episódio da Trifalda com as mulheres barbudas e o voo mágico de Cavileno (vv. 855-992); na Jornada III, encontramos tudo o que diz respeito a *Maese* Pedro e ao retábulo de Melisendra (vv. 139-298), bem como à aventura dos moinhos de vento (vv. 632-683).

Aventuras ou motivos meramente aludidos são: as punhadas que atingiram D. Quixote e Sancho na estalagem (I, vv. 395-396), as pauladas recebidas dos yangueses (I, v. 397), os rebanhos de carneiros e ovelhas que D. Quixote acreditava serem exércitos (I, vv. 401-422), o bálsamo de Ferrabrás (I, vv. 423-425 y 1145-1146), a penitência na Caverna de Montesinos (III, vv. 42-43) ou a aventura do biscainho (III, vv. 452-457). Além das passagens retiradas do *D. Quixote*, há duas cenas originais: a dos cavalos desenfreados e a do galo encantado, nas Jornadas I e III, respectivamente.

Do ponto de vista linguístico, D. Quixote caracteriza-se pelo emprego de arcaísmos<sup>9</sup> (*hablar, fermosura, ferida, desfacer entuertos*; cf. estes arcaísmos em I, vv. 595, 640 ss, 699, 718, 754, 772, 785, etc.). Por vezes, os arcaísmos contaminam a fala de uma outra personagem, como é o caso de Inês (II, vv. 328 ss).

D. Quixote é, nesta obra, um louco de quem as outras personagens podem zombar para se divertirem: diz-se que servirá de diversão para as tristezas de D. Beatriz (I, vv. 260 ss.) e fala-se da sua «ridícula gracia» (I, v. 290). Inês qualifica-o de «don Quijote de la legua» (I, v. 740). O comissário que conduz os galeotes dirige-se-lhe com estas palavras: «Hombre o fantasma o quien eres» (I, v. 1069). Todos o dão por *necio* (II, v. 494), Inês chama-lhe *pelmazo* (III, v. 519) e *vinagre* (III, v. 541), etc.

Temos uma dupla apresentação de D. Quixote: em primeiro lugar, antes de o vermos em cena, outras personagens falam dele. As primeiras pinceladas são-nos oferecidas pelo diálogo entre Inês, D. Pedro e D. Beatriz, que conversam sobre as suas aventuras que trazem a terra em alvoroço, da sua paixão por

Dulcineia del Toboso, da sua loucura e da fama que corre por Castela inteira das «sus raras cosas» (I, v. 275), que são por todos muito celebradas; comenta-se o modo como gastou toda a fortuna em livros de cavalarias; D. Pedro diz que a filha ficará contente ao vê-lo «porque es una viva estampa / de los Febos y Amadises / mas con ridícula gracia» (I, vv. 288-290).

Em seguida, surge D. Quixote (a indicação de cena consecutiva a I, v. 308, diz: «Sale don Quijote armado con peto y morrión, y un lanzón en la mano») e, já presente no palco, ele próprio se caracteriza através da sua maneira de falar e de agir. Por exemplo, nesta fala:

Don Quijote	Yo, Sancho, nací en el mundo para amparar las doncellas, para socorrer pupilos, para desfacer afrentas, siendo mi primer intento resucitar la ya muerta andante caballería, que está olvidada o suspensa en aquesta Edad de Yerro, cuando en la de Oro pudiera de tantos héroes gloriosos aclamar la fama eterna. Los Febos, los Belianises son otra mucha caterva que con trabajo inaudito buscaron por esta senda gloria inmortal, y de todos yo soy la norma y la regla, a pesar de malandrines que borrar mi fama intentan.
-------------	--

(I, vv. 367-386)

As passagens em que se alude à sua loucura são as seguintes: I, vv. 269-272, 751-752 («Tan loco es este criado / como el amo», diz D. Beatriz), 793-794 («El más raro loco / que crió naturaleza», na boca de D. Beatriz), 975-976 («Vamos, que éste es don Quijote, / con su tema le dejemos», diz D. Juan), 1107 («Este hombre sin duda es loco», afirma o Primeiro Galeote); em II, vv. 211 ss, 281-282, 327 («Notable locura», refere D. Margarita; «Extraña», acrescenta Beatriz), 423 («¿Pues mal hablado es el loco?», pergunta Sansón Carrasco), 499-500, 647-648; em III, vv. 295-296 («Quien se mete con un loco / este galardón espera», aparte de *Maese Pedro*), 487

(«¡Que este loco haya estorbado...», diz D. Beatriz), 503-509 («¿No es mejor atropellallo / para que más sus locuras / no nos sirvan de embarazo?», pergunta D. Enrique, ao que D. Juan responde: «Que demos la muerte a un loco / será del valor agravio, / y mirad cuál quedaremos / si sucede lo contrario»), 530-532 («Yo quiero / de esa confusión sacaros / burlando su loco tema», diz Inés), 590-591 («¿Hay tan extraño sujeto?, pergunta D. Beatriz e D. Margarita responde: «¡Qué locura de hombre!»), 669-670 («El que le hace el daño / a su merced, es su tema», refere Sancho), 683 («Cuando usted de aquí esté sano», diz Sancho; é preciso imaginar que o actor faria um gesto apontando para a cabeça) e 760.

García Martín aprecia, nos seguintes termos, a personagem de D. Quixote nesta paródia dramática:

«Em última análise, a interpretação que os dramaturgos nos oferecem das imortais figuras cervantinas, apesar da sua quase constante presença em cena, é imperfeita, ficando-se unicamente pelo superficial, sem explorar a significação profunda que Cervantes soube impor-lhes. D. Quixote não é mais do que um grotesco personagem anacrónico, que, na sua mania de querer dar solução a tudo, à custa de uma temeridade e de uma impertinência irracionais, não provoca senão risos e troças» (p. XVIII).

Esta circunstância, a interpretação jocosa de D. Quixote, é, todavia — como já antes se apontava —, a habitual na época (as interpretações «sérias» que destacam os valores «profundos» da obra e da personagem cervantinas demorariam ainda o seu tempo a chegar<sup>10</sup>).

## 2.2. OS AGENTES DAS FARSAS

Examinemos agora quem são os actores das zombarias que tomam por alvo D. Quixote. O primeiro a apontar o carácter burlesco do fidalgo manchego é D. Pedro, ao prognosticar que as festas de Carnaval serão muito animadas por ter chegado D. Quixote; lembra alguns dados da sua estranha caracterização e da sua loucura, e sua filha Beatriz diz que vê-lo será «extremada / diversión de mis tristezas» (I, vv. 292-293<sup>11</sup>).

Por sua vez, na primeira aparição do amo e do criado em palco, no momento em que D. Quixote pergunta ao seu escudeiro se levou a carta a Dulcineia, Sancho decide imitar-lhe o humor: «pero aquí llevarle es fuerza / el humor con un engaño» (I, vv. 440-441), e explica que a encontrou suada e limpando o trigo, etc. Mais adiante, D. Pedro Osorio empregará a mesma expressão: quando D. Quixote entrar em sua casa, julgando estar num castelo encantado e pensando que ali têm oprimida alguma donzela necessitada, o pai de D. Beatriz dirá num aparte: «Don Quijote es éste, aquí / llevarle el

humor es fuerza» (I, vv. 597-598). Pouco depois, D. Pedro exorta D. Beatriz a divertir-se, imitando o estilo dos livros de cavalarias, com o curioso convidado que receberam:

Don Pedro	Beatriz bella, aqueste es aquel hidalgo de quien tantas cosas cuentan, que, pensando que tú estás en mi casa con violencia, viene a vengarte, y pues eres, hija mía, tan discreta, y de historias de estos libros sabes el estilo, llega y háblale, que de esta suerte podrá ser que te diviertas.
-----------	--

(I, vv. 616-626)

Sansão Carrasco e D. Beatriz vão qualificar D. Quixote, respectivamente, como *figura e visão*: «¿Hay figura más extraña? / ¿Hay visión más estupenda?» (I, vv. 637-638); «¡Sujeto raro!, acrescenta doña Beatriz (I, v. 639). A dama apresentar-se-á perante D. Quixote, afirmando que o seu pai é o Imperador da Arménia, e ela «la sin par Clodomira, / infanta de la Noruega» (I, vv. 667-668), nova fantasia cavalheiresca que irá transtornar o juízo do fidalgo.

Quando recebem em casa a notícia de que algumas bestas desenfreadas colocam uma carruagem em perigo, D. Quixote e D. Pedro saem a socorrê-la, e Sansão Carrasco esclarece: «No es de perder esta fiesta; / yo pienso hacerle mil burlas / ya que son Carnestolendas» (I, vv. 736-738). E, no final da Jornada I, é Sancho quem novamente engana D. Quixote: Rocinante não se move, porque o escudeiro matreiro lhe pôs peias nas patas.

Já na Jornada II, D. Beatriz quer divertir a sua amiga D. Margarita com a loucura de D. Quixote, e explica que deu as indicações oportunas aos criados:

Doña Beatriz	El ruido de las armas dice que es él, y deseo divertirme tanto que a costa de algún sereno aquí te traigo a que veas las locuras de este necio, tal vez discreto y tal vez loco y siempre majadero:
--------------	--

a cuyo fin los criados  
de casa dispuestos dejo,  
y este instrumento te traigo  
para que principio demos  
como al gusto de escucharte  
a la intención del suceso.  
Canta algo, por tu vida,  
que toque en sus devaneos.

(II, vv. 211-226)

Ao que a amiga lhe responde:

Doña Margarita Darte gusto es mi mayor  
logro, pero te prometo  
que suelen sus desatinos  
divertirme, y así a un tiempo  
haciendo lo que me mandas  
lograré los dos intentos.

(II, vv. 227-232)

Quando as duas damas têm de se retirar da grade onde se encontravam na esperança de ver os seus amados, lamentam-se por irem perder o final da farsa. Diz D. Margarita: «No poco, / bella Beatriz, siento / de ver el fin de esta burla» (II, vv. 345-347). Mais tarde, será a travessa criada Inês que, para continuar a zombar do louco humor de D. Quixote, finge ser uma dama encantada que lhe fala do alto dum janela. Conforme foi já referido, D. Quixote içar-se-á para cima de Sancho para chegar mais perto dela e acabará por ficar lá em cima pendurado pelo pulso.

Zombar de Sancho, e não de D. Quixote, é o que tramam e levam a cabo Sansão Carrasco e outros três homens vestidos de magarefes: mantêm-no e batem-lhe com umas grandes bexigas, sendo nesse momento que Sancho promete açoitar-se para desencantar Dulcineia. E, pouco depois, o mesmo Sansão Carrasco, disfarçado de gigante de barbas, apresenta-se como um sábio amigo que vem disposto a ajudá-los (não esqueçamos que os dois continuam numa posição ridícula, com D. Quixote pendurado na janela e tentando manter o equilíbrio em cima de Sancho). Nesta passagem, repete-se à laia de estribilho: «Oh majaderos, / el amo loco y tonto el escudero» (II, vv. 281-282 e 499-500).

A acção continua, e é novamente D. Pedro quem, para distrair D. Juan e D. Enrique, os convida a acompanharem a sua família e a passarem um bom bocado, aproveitando a loucura de D. Quixote:

Don Pedro            Y ya que obligado esté  
a procurar divertir  
vuestra soledad, supuesto  
que una vez principio di  
a este intento, hoy que tenía  
más ocasión presumí  
no ser justo que faltéis  
de mi casa, donde, a fin  
de dar lo que es suyo al tiempo  
de agasajar y servir  
a Beatriz y Margarita,  
tiene no sé qué festín  
la familia prevenido,  
a quien da, según creí,  
motivo este loco hidalgo  
con su extraño frenesí.  
Mas puesto que os encontré,  
y que, según me decís,  
divertiros fue el intento  
que os traía por aquí,  
entrad donde lo logréis.  
(II, vv. 634-653)

Os criados Carrillo e Alvarado dizem que se vão misturar com os restantes «para ayudar a reír» (II, v. 748). E, com efeito, eis que «*Sale Carrillo en forma de enano con una barba muy grande*» (II, marcação depois do v. 854), anunciando a chegada da senhora Trifalda, que é a criada Luísa vestida de dama barbuda e que aparece acompanhada por outras duas mulheres em preparos semelhantes. O episódio parodiado termina com o embuste de Cavilinho, sobre cujo dorso amo e escudeiro ingenuamente acreditarão estar a voar.

Já na Jornada III, referindo-se a D. Quixote, a criada Inês propõe continuar «burlando su loco tema» (III, v. 532) e, pouco depois, aparece diante do louco manchego como que espavorida, fingindo ter visto um galo encantado. Mas estamos já a aproximar-nos do final da comédia, que — como é habitual — «en bodas ha de parar». Quando D. Quixote intervém perguntando pelo invasor da alcáçova, D. Pedro — seriamente preocupado com a honra familiar depois de descobrir um homem em sua casa — responde que já não é tempo de gracejar: «Señor don Quijote, ahora / no estamos para esas chanzas» (III, vv. 790-791). As suas palavras põem fim aos gracejos (*burlas*), para passar às coisas sérias (*veras*)<sup>12</sup> do desenlace: o duplo casamento de D. Juan com D. Beatriz e de



D. Enrique com D. Margarita. No entanto, ao longo de toda a comédia houvera tempo e ocasião para os enganos — alimentadas pelo próprio D. Pedro —, para esses gracejos com que todas as personagens repetidamente zombaram de D. Quixote.

### 3. EM JEITO DE CONCLUSÃO

Nesta comédia de três escritores, Juan de Matos Fragoso, Juan Bautista Diamante e Juan Vélez de Guevara, D. Quixote apresenta-se-nos como um fidalgo louco de quem todas as outras personagens podem zombar para passar o tempo e para se divertirem. E, concretamente, para se divertirem durante as festas do Entrudo, época em que decorre a acção da comédia (e época em que era costume representarem-se as comédias burlescas). De facto, algumas das partidas pregadas a D. Quixote e Sancho Pança, em *El hidalgo de la Mancha*, são partidas carnavalescas. A estrutura da composição da comédia lembra-nos a da segunda parte do *D. Quixote*, mais concretamente os episódios que ocorrem no Palácio dos Duques: aqui, como na imortal obra cervantina, algumas personagens valem-se da simplicidade, da ignorância e da loucura dos outros para se rirem à sua custa, para passar um bom bocado e divertir-se, inventando enganos de maior ou menor crueldade. A imagem que se nos oferece de D. Quixote é a habitual nos bailes e mascaradas da época: trata-se de uma mera *figura* ridícula, um louco «provocando o riso», sem que se registem no seu retrato traços que o dotem de maior transcendência ou profundidade.

[Tradução de Karine Felix Delmondes]

#### NOTAS

Este trabalho integra-se no projecto *Patrimonio teatral clásico español. Textos e instrumentos de investigación (TC-12)*, patrocinado pelo Programa Consolider-Ingenio, CSD2009-00033, do Plano Nacional de Investigação Científica, Desenvolvimento e Inovação Tecnológica do Ministério da Ciência e Inovação de Espanha. Aproveito ideias de trabalhos anteriores; cf. Carlos Mata Induráin, «Una parodia dramática del *Quijote: El hidalgo de la Mancha*, de Matos Fragoso, Diamante y Juan Vélez de Guevara», in Alicia Villar Lecumberri (ed.), *Cervantes en Italia. Actas del X Coloquio Internacional de la Asociación de Cervantistas. Academia de España, Roma, 27-29 septiembre 2001*, Palma de Maiorca, Asociación de Cervantistas, 2001, p. 289-94; e «Burlas carnavalescas a don Quijote en *El hidalgo de la Mancha*, comedia de tres ingenios», *Signos literarios y lingüísticos*, México, UAM, V, 2, Jul.-Dez. 2003, p. 51-71. Revisão da tradução por Miguel Serras Pereira.

- <sup>1</sup> Todas as citações são baseadas nesta edição, com ligeiras alterações de pontuação.
- <sup>2</sup> García Martín, estudo preliminar de *El hidalgo de la Mancha*, Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, 1982, p. XII. Para um resumo completo da acção, cf. Carlos Mata Induráin, «Burlas carnalescas a don Quijote en *El hidalgo de la Mancha*, comedia de tres ingenios», *Signos literarios y lingüísticos*, México, UAM, V, 2, Jul.-Dez. 2003, p. 54-9.
- <sup>3</sup> *El caballero de Olmedo*, de Montseser, foi representado em 1651; *La renegada de Valladolid*, de Montseser, Solís y Silva, em 1655; em 1671, *Don Domingo de don Blas*, de autor desconhecido; em 1685, *Las bodas de Orlando*; em 1687, *Progne y Filomena e Los amantes de Teruel*...
- <sup>4</sup> É o caso, por exemplo, da comédia do *Escarramán*, atribuída a Moreto, *El caballero de Olmedo*, de Montseser, *Céfalo y Pocris*, de Calderón, *Las mocedades del Cid*, de Cáncer, etc.
- <sup>5</sup> Acerca da função das formas carnalescas na comédia burlesca, cf. Eloy R. González, «Carnival on the Stage: *Céfalo y Pocris*, comedia burlesca», *Bulletin of the Comediantes*, 30, 1978, p. 3-12; e os trabalhos de Dolores Holgueras, «La comedia burlesca: estado actual de la investigación», *Diálogos Hispánicos de Amsterdam*, 8/II, 1989, p. 467-80, e «La comedia burlesca y el Carnaval», in Javier Huerta Calvo (dir.), *Teatro y Carnaval*, Madrid, Compañía Nacional de Teatro Clásico, 1999 (Cuadernos de Teatro Clásico, 12), p. 131-44.
- <sup>6</sup> A minha análise centra-se exclusivamente na acção das três jornadas da comédia, evitando agora os restantes textos que completam a festa (o baile preliminar protagonizado por Bartolo, o *Entremés de Juan Ranilla*, localizado entre as jornadas segunda e terceira, e o *Fin de fiesta para la comedia de don Quijote de la Mancha*, que é de Juan Vélez de Guevara).
- <sup>7</sup> Existe também uma menção neutra à Quaresma em III, v. 278.
- <sup>8</sup> Para uma reinterpretação do *Quijote* à luz da tradição carnalesca e da paródia, cf. Augustin Redondo, *Otra manera de leer el «Quijote»: historia, tradiciones culturales y literatura*, Madrid, Castalia, 1997.
- <sup>9</sup> Na fala de Sancho, cabe destacar o uso de provérbios e as suas divertidas incorrecções idiomáticas, algumas das quais podem ser vistas em III, vv. 628-631 (confunde *monstruo Lerneo* com *harnero*), 659-660 (em vez de *Traquitanos* entende *traquigrafos*) e 666 (D. Quixote nomeia *Frestón* e ele julga ouvir *Frisón*).
- <sup>10</sup> Cf., para esta questão, Francisco Rico, «Las dos interpretaciones del *Quijote*», *Breve biblioteca de autores españoles*, 3.ª ed., Barcelona, Seix Barral, 1991, p. 139-61.
- <sup>11</sup> E quando D. Beatriz der as boas-vindas à sua amiga Margarita, fá-lo-á com estas palavras: «... y muy bien venida seas, / que por horas te esperaba / para aliviar mis tristezas» (I, vv. 800-802).
- <sup>12</sup> Passamos, portanto, dos enganos às verdades sérias (*veras*). Um motivo semelhante, com uns rindo ao mesmo tempo que outros choram, regista-se em II, vv. 265-266: «Ella llora y él se ríe, / sus desventuras sabiendo» (D. Quixote parece estar feliz e despreocupado enquanto Dulcinea sofre no seu encantamento — segundo o relato de D. Margarita).